

Ulysses não aceita a eleição já

BRASÍLIA — O deputado Ulysses Guimarães assumiu ontem a função de presidente da República e, já nesta condição, ainda na Base Aérea de Brasília assegurou que a crise econômica não provocará dificuldades para as instituições democráticas e afastou também qualquer apoio seu a alterações nos prazos eleitorais, propostas por governadores e parlamentares.

Dois ministros de Estado informaram que o presidente em exercício não será muito exigido desta vez ficará "contra a parede". Tanto a fixação do salário-mínimo como a solução para a greve do funcionalismo serão medidas a serem adotadas pelo presidente José Sarney, na segunda-feira — ele volta ao Brasil no sábado. Ulysses só terá o dia útil de hoje, pois amanhã é feriado, Dia do Servidor Público.

Para Ulysses Guimarães, as datas eleitorais, devem ser cumpridas: "Todos sabem o que é o calendário. As datas estão fixadas e entendo que não se deve tentar mudar as regras do jogo, através de alterações, até a própria Constituição". "A Constituição acaba de ser votada", lembrou comparando: "É como falar em divórcio na lua-de-mel".

Ulysses afirmou que cumprir o calendário "será bom para as instituições, para a transição, para o País". Segundo a Constituição as eleições presidenciais serão em 15 de novembro de 1989, com posse do eleito, excepcionalmente, em 15 de

março de 1990, data do encerramento do mandato do atual presidente.

CRISE

Para o presidente em exercício não há riscos de instabilidade democrática no País. "Se a crise econômica trouxe dificuldades para as instituições democráticas, então é uma demonstração de que a democracia não tem força para resolver os problemas, inclusive a crise econômica", observou. Em sua opinião, a democracia existe justamente para isso, e não só para quando "há plena tranquilidade, normalidade, abundância, sossego". A democracia tem sido invocada, até em período de guerra, lembrou.

Será através da democracia e da Constituição, segundo a opinião de Ulysses Guimarães, que se enfrentarão "os problemas que estão aí".

O presidente da Câmara assegurou que não pretende adotar nenhuma medida imediata com relação às greves: "Entendo ser fundamental uma negociação, através do que vem a solução, como se faz em outros países". O presidente em exercício praticamente confirmou a informação de dois ministros sobre o adiamento de medidas concretas para segunda-feira: "Nessas poucas horas que vamos ficar, evidentemente, a coisa seguirá seu curso estabelecido".

RENÚNCIA

O deputado Haroldo Lima (PC do B-BA) defendeu ontem, em audiência com o presidente

em exercício, a renúncia do presidente José Sarney, que em sua opinião é o responsável pelo estado de crise do País. Segundo Haroldo Lima, "o Brasil não aguenta mais 17 meses de governo Sarney".

Ulysses Guimarães, de acordo com relato do deputado, ouviu a proposta em silêncio. Depois, reconheceu a gravidade da crise que coloca a inflação em patamares recordes a cada mês, e fez o seguinte comentário: "A única saída para a transição no deserto é o pacto social". Haroldo Lima, no entanto, disse que o PC do B não irá participar do pacto.

URGÊNCIA

O governador Orestes Quércia criticou ontem no Palácio dos Bandeirantes, em São Paulo a falta de definição do presidente Sarney quanto à política de combate à inflação: "Diante dessa crise econômica que o País enfrenta, é preciso que o presidente José Sarney volte logo ao País e assuma a responsabilidade de começar a comandar um processo que combata essa inflação, que já não consegue ser controlada pela área econômica do governo federal". Quércia já havia afirmado anteriormente que o presidente da República precisava assumir o comando efetivo da economia. Ontem, evitou responder se o presidente Sarney tinha ou não assumido essa responsabilidade: "Não gostaria de fazer essa análise, pois sou governador e ele, presidente. É difícil analisar a posição do presidente".

Brigadeiro defende a Carta

BRASÍLIA — As propostas políticas sugerindo mudanças na duração do mandato do presidente José Sarney e no sistema de governo foram ontem classificadas pelo ministro da Aeronáutica, brigadeiro Octávio Moreira Lima, de "golpe na Constituição". No momento, disse o ministro, "não temos nada a fazer a não ser cumprir a Constituição em vigor. Essas propostas não têm valor".

Os prognósticos sobre a existência de um clima para golpe também foram refutados pelo ministro: "Estamos muito velhos para irmos no canto da sereia", observou. "Todo mundo, na área militar, está imune à mosca azul".

O ministro atribui as notícias sobre intervenções militares às especulações políticas "que geralmente acompanham as propostas de candidatos à Presidência da República". Pa-

ra ele, essas sugestões estão "embutidas de interesses pessoais, não impressionam o governo, embora contribuam para trazer inquietação ao País e devem ser superadas".

"Acabamos de promulgar uma Constituição", enfatizou o ministro. Boa ou ruim, ela é o reflexo da sociedade brasileira e o caminho a ser seguido é esse. O outro caminho, disse Moreira Lima, "é tortuoso e seus resultados são negativos, pois cairão num regime de extrema direita ou de extrema esquerda, ambos execráveis, e eu não desejo isso..."

DEMOCRACIA

Pregando a adoção do "caminho mais difícil", o da democracia, o ministro da Aeronáutica acha necessário que a sociedade se conscientize sobre seus valores para superar todas as crises sociais, econômicas e políticas. "Devemos cumprir a

Constituição, que foi feita para durar, pelo menos, uma geração", observou. Para ele, se houve erros na sua elaboração, deverão ser corrigidos, dentro do tempo previsto em lei, pelos próprios congressistas.

A prova maior de que tudo no País corre bem, de acordo com o ministro, é a viagem do presidente ao Uruguai: "Essa é a demonstração da absoluta continuidade administrativa do País, da perfeita consolidação das nossas instituições".

Segundo Moreira Lima, a atual crise econômica merece a atenção do governo e não é a pior enfrentada pelo País: "Essas crises acontecem no mundo todo e são cíclicas. Nós mesmos já enfrentamos a pior durante o governo de Jango Goulart e superamos. A França atualmente vive um clima de greve e ninguém fala em derrubar o presidente François Mitterrand".